

Cosmópolis

mobilidades culturais às origens do pensamento antigo

**Gabriele Cornelli, Maria do Céu Fialho
e Delfim Leão
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**A VIAGEM NAS PRIMEIRAS NARRATIVAS LATINAS –
UMA PERSPECTIVA FEMININA**
[Travelling in the first Roman novels – a female perspective]

JOANA BÁRBARA FONSECA (jbfonseca@gmail.com)
Universidade de Coimbra

RESUMO: Gerada por uma curiosidade, pela sede de conhecimento ou apenas de evasão, há uma certa mística em torno do que nos mostram as primeiras narrativas latinas. Nelas, a viagem, a mobilidade, a aventura náutica, o naufrágio, a pirataria, e os encontros e desencontros são os *topoi* mais comuns. O tema da mobilidade feminina na antiguidade, seja ela meramente física, ou social, cultural, política, continua a ser assunto de frágil cariz. O que se pretende com esta exposição é, primeiramente, uma abordagem ao fenómeno da mobilidade física no feminino. Depois, pretendemos confrontar alguns exemplos práticos e discutir a forma como a viagem é abordada de maneiras tão diferentes, de uma narrativa para a outra. Divergindo em tom, em gravidade, em sub-temáticas dentro da categoria de viagem, serve este confronto de textos para revelar um tema de interesse ainda actual, como é o da mobilidade na perspectiva feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Romance antigo; mobilidade; viagem; estudos de género

ABSTRACT: Motivated by curiosity, will of evasion or of knowledge, there is a certain mysticism around the first Latin novels. In these novels, travel, mobility, nautical adventures, shipwreck, piracy, encounters and disagreements, are the most common *topoi*. The subject of female mobility in antiquity, be it physical, social, cultural, or political, keeps being a fragile issue. What we intend, in the first place, is to talk about the physical mobility of women. Then, we will go on to confront some practical cases and discuss how travel is approached in such a different way from a narrative to another. Exposing differences in tone, gravity, and sub-subjects under the broader category of traveling, this confrontation reveals that female mobility is a phenomenon that remains of interest nowadays, as does mobility from a female perspective.

KEYWORDS: Ancient novel; mobility; travels; gender studies

Falemos do tema da viagem na Antiguidade, e numa perspectiva feminina, tendo por base as primeiras narrativas latinas, concretamente, de *A História de Apolónio Rei de Tiro*, de autor desconhecido e ainda não traduzida para o português¹ e, claro, de *Satyricon*², de Petrónio.

Tomemos por mote a globalização e a origem deste fenómeno naquilo que é o precioso legado da Antiguidade. E não vamos mais longe, porque temos neste

¹ Por isso, para a tradução, usa-se a versão de Reardon 2008.

² Leão 2005.

encontro, nesta tessitura mista e colorida de que se faz, também, a lusofonia, o vivo exemplo; especialmente em quem é de fora, mas não perdendo de vista o enquadramento da parte de quem hospeda, de quem recebe. E é disto que falaremos: desta vontade de troca e partilha, deste querer saber do Outro e das suas coisas, e ir mais longe para isso, movido por uma *curiositas* e uma *anima* feitas de imensidão, que ultrapassa fronteiras, rasga mares, e regressa, mudado e, talvez, sem consciência da mudança causada no Outro. Mote dado, abordemos então a narrativa de viagem.

Estas primeiras narrativas latinas situam-se, temporalmente, nos primeiros séculos da nossa era. Não esqueçamos, contudo, a sua génese grega³, e não apenas na vertente narrativa, mas também historiográfica e dramática, de que já veremos breves exemplos. Ora, especialmente neste género em formação, a ficção novelística, de certa forma náutica, o naufrágio, a pirataria, e os encontros e desencontros, culturais também, são os *topoi* mais comuns⁴. Mais do que enveredar pelos bastidores do cânone literário, pretendemos saber daquelas para quem o conceito de liberdade de evasão, fosse ela de que género fosse, era praticamente inexistente. Tenhamos presente que o tema da mobilidade feminina na Antiguidade, fosse ela meramente física, ou social, cultural ou política, é assunto de frágil cariz e não muito abordado da perspectiva da própria mulher.

O caso da mulher que se ausenta é, contudo, contemplado em Plutarco⁵, que directamente «determinou que não saíssem com mais de três vestes, que não levassem comida e bebida de custo superior a um óbolo, nem um cesto de comprimento superior a um côvado», o que as impediria, certamente, de viajar para longe ou por um longo período de tempo. Determinou, ainda, «que não viajassem de noite, a não ser transportadas num carro e precedidas por uma luz acesa».

Vejamos, então, o que nos deixou a tragédia grega de exemplos notáveis de mobilidade feminina, que são de conhecimento geral e de memória presente entre a maioria de nós. Recordemos, pois, meramente a título de exemplo, a nem sempre amada Medeia, de Eurípides. Encarada numa perspectiva de viagem, ela é a princesa colca, neta do Sol, que viaja com Jasão para Corinto, onde vai ser confrontada com a situação de bárbara, não só pela forma como é vista pelos outros, mas pela inadaptação, pela constante infelicidade e sucessão de dores no seu percurso, desde que deixara a terra natal. Em Corinto, Jasão pretende casar-se com a princesa local e, claro, secundariza na sua vida a bárbara que sacrificara a sua postura social, a sua pátria, a sua família, e o seu conforto por um amor não correspondido. O homem a quem ela ajudara a concretizar um sonho, a suceder na empresa de captura do velo de ouro, sujeita-a a uma posição

³ Pinheiro 2005: 9-26; Pimentel 2005: 81.

⁴ Leão 2005: 117; Fedeli 2005: 119-122; Dimundo 2005: 131; Teixeira 2005: 174; Carrajana 2005: 204.

⁵ *Vida de Sólon*, 21.5. Citamos pela tradução de Leão e Brandão 2012.

marginal e opressiva, apátrida e sem esperança. Diz a Ama, no início da peça (Eur., *Med.* vv. 1-15):⁶

«Quem dera que a nau de Argos, quando seguia para a terra da Cólquida, nunca tivesse batido as asas através das negras Simplégades, e que nas florestas do Pélion não houvesse tombado o pinheiro abatido, nem ele tivesse dado os remos aos braços dos homens valentes, que buscaram o velo de ouro para Pélias. Assim não teria Medeia, a minha senhora, navegado para as fortalezas da terra de Iolcos, ferida no seu peito por amor a Jasão. Nem depois de convencer as filhas de Pélias a matar o pai, habitaria esta terra de Corinto com o marido e os filhos, alegrando com a sua fuga os cidadãos a cujo país chegara, em tudo concorde com Jasão. Porque é essa certamente a maior segurança, que a mulher não discorde do marido.»

Sabemos que Medeia acabou por se vingar do amante, por quem encetara tão tortuosa viagem, da pior maneira que soube. Por entre o queixume solidário da Ama para com a sua senhora, percebemos a valentia associada a quem se fazia ao mar, precisamente pelos conhecidos perigos inerentes. Contudo, a mulher antes poderosa, ciente já do casamento de Jasão com a filha de Creonte, subjuga-se: «Casai, sede felizes. Mas deixem-me habitar este país. Mesmo ultrajadas, calar-nos-emos, vencidas pelos mais poderosos.» (vv. 313-315) Medeia está expatriada: note-se o desespero nas palavras do Coro: «Ai de ti! infeliz pela desgraça,/ pobre mulher,/ p'ra onde hás-de voltar-te? que hospitalidade,/ que casa, que país salva teus males?/ Como um deus te conduziu, ó Medeia,/ por um mar sem fim de calamidades.» (vv. 358-363).

Em semelhante situação, encarando a conjuntura por este prisma do apartamento da pátria amada, estão *As Suplicantes*, de Ésquilo. Expatriadas, mas por razões bem diferentes das que moviam uma cega Medeia. As filhas de Dánao fogem da sua própria pátria para evitar a imposição de casamento por parte dos primos egíptiades. Vendo-se obrigadas a deixar a terra natal, na companhia de seu velho e desesperado pai, procuram abrigo na Argólida, terra de Io, de quem descendem. Pelasgo, rei de Argos, hesita perante a súplica, mas acaba por aceitar a presença destas cinquenta mulheres e seu pai. Se, por um lado, Medeia perde o estatuto social em terra alheia, as suplicantes haviam-no já perdido na sua própria pátria, e daí o motivo da fuga. Uma inadaptação, portanto, ao próprio país, embora de culpa alheia (Aesch., *Sup.*, vv. 1-6):⁷

«Que Zeus Suplicante lance com benevolência a sua mirada sobre o nosso bando marítimo, que um dia partiu das desembocaduras de fina areia do Nilo.

⁶ Citamos pela tradução de Rocha Pereira 1991.

⁷ Citamos pela tradução de na tradução de Jesus (2012).

Deixando para trás a terra de Zeus, vizinha da Síria, fugimos para o exílio; não que, desterradas por voto popular, paga de um crime de sangue, tenhamos deixado a cidade; antes porque, detestando os varões da nossa raça, abominamos o casamento com os filhos de Egipto e a sua [demência] sacrílega. / Dánao, nosso pai, o conselheiro e estrategista do nosso destino, tendo disposto bem as peças no tabuleiro, de entre todas as aflições escolheu a mais enobrecedora: fugir em liberdade pela orla marítima e aportar a estas terras de Argos, de onde descende toda a nossa raça, orgulhosa de ter nascido de uma novilha perseguida pelo moscardo, graças ao toque e ao sopro de Zeus. »

Foquemo-nos apenas, por um momento, na mobilidade social; tema um pouco marginal ao da viagem, embora interessante por contraponto aos dois casos anteriores: falemos de Fortunata, mulher de nome falante, esposa de Trimalquião, protagonistas de uma boa parte de *Satyricon*. É, realmente, afortunada, a mulher deste rico liberto, não só pelo facto de o marido ter pago a sua liberdade («Resgatei a minha companheira, para ninguém limpar as mãos nos cabelos dela.» Petr., *Sat.*, 57.6), elevando a sua condição social de escrava a liberta, mas pela vida desafogada, luxuosa até de que desfruta. Há, contudo, uma nota que nos dá conta da forma como Fortunata, a certa altura, se desfaz dos seus próprios bens para encetar o negócio que dera à família o conforto financeiro que desconheciam («Nesta altura, Fortunata teve um gesto bonito: agarrou em todas as jóias, em todos os vestidos, vendeu-os e pôs-me na mão cem moedas de ouro. Foi esse o crescente do meu pé de meia.» 76.7). Há, então, uma dupla ascensão social por parte deste casal, situação bem diferente da de Medeia e das cinquenta danaiades. Há, ainda, uma particularidade interessante a mencionar acerca deste casal e desta ascensão. Como em todos os casos de mobilidade, há a questão da adaptação a uma nova realidade e, neste caso, Fortunata demonstra uma aprendizagem bem sólida das novas regras sociais, bem como uma consciência da importância da sua boa aplicação, e isso vê-se, claramente, no contraponto que constitui às atitudes despropositadas de Trimalquião em pleno banquete, perante os convivas. É a desadequação de Trimalquião que faz sobressair o maior decoro de uma liberta que assume perfeitamente o papel de matrona pudica que o novo estatuto lhe exige. Contudo, Fortunata deixa passar, em azáfama («aquela mulher que corria de um lado para o outro», 37.1), a imagem da liberta preocupada com o bem estar dos seus escravos, acima de tudo.

«É a esposa de Trimalquião, chama-se Fortunata e mede o seu dinheiro às arrobas. Ainda há pouco, quem era ela? Que o teu génio guardador me perdoe, mas tu nem um bocado de pão irias aceitar da mão dela. Agora, sem mais nem porquê, subiu às nuvens e é o braço direito de Trimalquião. Numa palavra: se em pleno sol do meio-dia lhe disser que é noite fechada, ele é capaz de acreditar. Ele nem sabe o que possui, podre de rico como é; mas esta pécora olha por tudo, está mesmo onde nem imaginas. É poupada, nada bebedolas

e de bom conselho. Vale em ouro quanto pesa. Mas tem cá uma má-língua, que pega alcoviteira! De quem gosta, gosta; de quem não gosta, não gosta.» *ibid.*, 1-7 Esta é a forma como ela é vista por um dos comensais, e poderia ser qualquer um.

Em pleno banquete, quando Trimalquião mostra um pouco do seu despropósito, Fortunata ri, envergonhada e em tom de aviso. «Enfim, se algum de vocês se quiser aliviar, não há de que ter vergonha. Nenhum de nós nasceu tapado. Para mim, não há tormento maior do que andar a apertar. É a única coisa que nem Júpiter pode proibir. Estás-te a rir, Fortunata, tu, que, de noite, não me deixas pregar olho? Nem mesmo na sala de jantar vou impedir alguém de se aliviar quando tiver vontade: se até os médicos nos proibem de andar a apertar!» (47.4-5)

Contudo, descamba o ambiente quando o próprio esposo, o despropositado Trimalquião, esquece por completo, tanto a sua nova posição como a da esposa, e a sujeita a tão embaraçosa situação: «Nenhum de vocês pede à minha Fortunata para dançar? Vão por mim: ninguém baila melhor a dança do ventre. E ele mesmo, com as mãos levantadas sobre a testa, imitava o actor Siro, ao mesmo tempo que toda a criadagem entoava em coro: “Tralalá-lalalalá!” E teria avançado para o meio da sala, se Fortunata não se tivesse chegado ao seu ouvido; cá para mim, deve ter-lhe dito que a uma pessoa da sua posição não ficavam bem figuras tristes como aquelas.» (52.9-10). Pelo mesmo vexame passa com um outro novo-rico, personagem paralela a Trimalquião: «Estavam elas nestas cumplicidades, quando Habinas se levanta muito sorrateiramente, puxa Fortunata pelos pés e lança-a sobre o leito. / - Ai, ai! – gritou ela, ao sentir a túnica subir-lhe acima dos joelhos; recompôs-se, então, no regaço de Cintila e escondeu com um pano o rosto ainda mais afogueado pelo rubor.» (67.12-13).

Num outro momento de discussão, volta a relembrar à esposa as raízes baixíssimas a que pertencera e das quais ele a resgatara: «Então como é? Essa tocadora de flauta já não se lembra? Fui eu que a livreí do estrado dos escravos, que fiz dela uma pessoa entre pessoas. ... Mas quem nasceu num palheiro não consegue pregar olho num palácio. » (74.13-14).

Falando de matronas pudicas, é impossível não referir a famosa Matrona de Éfeso, uma das pérfidias personagens femininas de *Satyricon*. Interessa, obviamente, a sua história, pela imagem de perfeita matrona, mas interessa-nos aqui, sobretudo, o exemplo dado pelo autor para reforçar esta imagem: vinham mulheres de fora para ver esta matrona: «Havia certa dama, em Éfeso⁸, tão famosa

⁸ Há uma grande contradição entre as virtudes atribuídas à matrona e a fama da sua cidade: Éfeso, pela sua localização portuária, que implicaria um estilo de vida mais luxuoso e citadino, embora também leviano e pecaminoso. Cf. Pecere 1995: 15, 42-43; Leão (1998: 90; Anderson 1999: 56.

pela virtude, que até as mulheres das regiões vizinhas ela atraía à contemplação⁹ do espectáculo da sua conduta.» (111.1)

Funcionava esta matrona, portanto, não só como *exemplum* de primeira, mas como atracção turística¹⁰, deslocando-se a Éfeso mulheres das mais diversas localidades para apreciar de perto a tão louvada esposa. Cai por terra esta imagem, ou não se tratasse de um mundo às avessas, por Petrónio retratado/reinventado. Enviuvada, chora o marido na campa, mas rapidamente se enamora de um soldado com quem acaba por passar três dias no sepulcro do recente defunto. Não bastando já a transgressão do estatuto que adquirira, mais o de viúva ideal, há ainda a questão da falta de um homem nas cruzes que estariam à guarda do soldado. Mas é com prontidão que a pudica matrona oferece o cadáver antes amado, em troca de um amor vivo¹¹.

Falemos agora de Trifena, outra mulher de nome falante¹² (*Tryphaina*, proveniente de *tryphe*, termo grego que significa ‘prazer’, ‘volúpia’). Não se trata de uma personagem central da obra petroniana, mas tem o seu lugar de destaque pela novidade que traz. Trifena viaja sozinha¹³. Numa época em que a mulher de alto estatuto social não estava autorizada a viajar sem a companhia de pai ou marido¹⁴, nem as escravas viajavam, nem as mulheres de classe média baixa o poderiam fazer. Trifena surge como a única mulher de classe mais elevada no navio de Licas de Tarento, aquando da chegada dos protagonistas de *Satyricon*. Mas ela não tem com Licas qualquer envolvimento além da amizade e, dela, se diz com clareza que viaja de cá para lá, por uma questão de prazer. Esta é a verdadeira novidade de Trifena, uma mulher poderosíssima¹⁵, cuja simples voz causa tremores nos viajantes ainda desconhecidos, embora rapidamente descobertos.

Trifena «a desterrada» (100.6) é, também, a única personagem feminina com papel verdadeiramente activo no episódio (100-108) do navio de Licas, assumindo o primeiro plano, não só pelo maior quinhão que ocupa na economia narrativa, mas especialmente pelo relevo forte da sua personalidade. É Eumolpo

⁹ A localização da matrona num lugar famoso pela luxúria salientava a sua fama de caso exemplar, admirada como ‘*spectaculum*’ pelas outras mulheres. Leão 1998: 90.

¹⁰ Cf. Anderson 1999: 56.

¹¹ Pecere 1975: 139.

¹² Cicu 1992: 92.

¹³ *Sat.* 118.

¹⁴ Ao contrário das outras mulheres de classe alta, casadas, que “a todo o momento têm um escravo ao seu alcance, o qual lhes evita os mais pequenos gestos; também nunca estão sós. [...] A omnipresença dos escravos equivalia a uma perpétua vigilância. [...] A decência e a preocupação da sua posição obrigam uma senhora a sair com as servidoras, damas de companhia (*comites*) ou um servidor cavaleiro (*custos*) de quem os poetas eróticos falam muitas vezes; esta prisão móvel que a segue para todo o lado equivale a um harém monogâmico, ou um gineceu.” Veine 1989): 198 e sqq.

¹⁵ Cicu 1996: 116.

quem primeiro a descreve como uma pessoa respeitável, belíssima e que usufruía de toda a sua condição de liberdade, espelhada no gosto pela viagem, pela aventura e pela descoberta: «Trifena, a mais bela de todas as mulheres, que passa o tempo a viajar de um lado para o outro, só por diversão.» (101.5)

Em contraponto a Trifena, aventureira a solo, recordemos a esposa de Apolónio, rei de Tiro¹⁶, obra de autor desconhecido, mas de título homónimo, narrativa recheada de tudo o que, à época, do género em composição se esperava: a aventura náutica, os encontros e desencontros, a pirataria e a escravidão, a viragem do expectável.

Depois de casar com Apolónio, rei de Tiro, recentemente naufragado, a filha do rei Antíoco engravida. Apolónio, reconhecendo na costa uma nau sua, fica ciente de que estaria para si guardado tudo a que teria direito. Planeia, então, uma viagem de volta à pátria: «turned joyfully to his wife and said: “My lady, you believed me when I was shipwrecked; now you have proof. And so I beg you, dearest wife, to allow me to set out and obtain the kingdom that has been promised to me.”» (*Hist. Apol.*, 24) A esposa exige, contudo, ao marido, que a leve: «“Dear husband, if you had been away somewhere on a long journey, surely you should have hurried back for my confinement. But as it is, since you are here, are you planning to leave me? Let’s sail together. Whether on land or sea, wherever you are, let’s live or die together.”» (24)

Em pleno mar alto, dá-se o parto e a morte da esposa, situação desesperante para Apolónio, que planeava levar de volta a Antíoco a sua filha e neta: «“My dear wife and the king’s only daughter, what has become of you? What shall I say about you and what reply shall I give to your father, who rescued me when I was a poor, destitute victim of shipwreck?”» (25) E mais difícil ainda lhe fora lidar com a crua realidade para a qual lhe chama à atenção a tripulação. Compreendendo o luto do rei, embora tencionando proceder de modo a proteger toda a tripulação, os marinheiros convencem Apolónio de que a esposa, morta, não poderá permanecer a bordo. Faz-se-lhe, então, um caixão apropriado, onde, dentro, leva os vestidos e a soma necessária, em jóias e ouro, para uma decente cerimónia fúnebre. «“Master, you’re showing piety, but the ship cannot continue with a corpse aboard. Order that the body be thrown into the sea so that we can escape the force of the waves.”» (25) Então, despede-se o rei da defunta esposa: «He gave the last kiss to the dead girl, wept over her corpse, and ordered that the infant be taken away and nursed carefully so that he would have some little comfort in his time of troubles and be able to show the king a grandchild in return for his daughter. Weeping bitterly, he ordered that the coffin be thrown into the sea. Three days later waves cat up the coffin. It came to rest on the shoreline of Ephesus, not far from the estate of a doctor» (25-26).

¹⁶ Panayotakis 2012: 301 sqq.

Dado o caixão à costa, e encontrado por estudantes de medicina, dentro contém uma missiva com os procedimentos desejados pelo remetente de tão triste correspondência: «I ask whoever find this coffin containing twenty thousand gold sesterces to keep ten thousand for himself and to spend ten thousand on a funeral, for this dead girl has left a legacy of many tears and bitter grief. If the finder does not do what the bereaved asks may he be the last of his family to die, and may there be no one to give his body burial.» (*ibid.*, 26). Acontece, contudo, que não está morta a mulher, percebe-se que estaria em coma e, pouco tempo volvido, estava de volta à vida. O médico, sabendo da ascendência da jovem, decide adoptá-la, cedendo embora à sua exigência de manter a castidade. Apartada da filha a quem ainda há pouco dera à luz, e do marido que a acompanhava, sente-se inadaptada, em nova pátria, e refugia-se no templo de Diana, dedicando-se a uma vida de religiosidade.

Paralelamente, a filha, Társia, dada a criar a um casal¹⁷, após a morte da mãe, acaba por, forçada pelas vicissitudes da sorte a que tinha sido sujeita, ser destinada a uma vida de prostituição. Quatorze anos depois de ter sido dada a acolher, o casal que a tinha por responsabilidade, ou melhor, a parte feminina do casal, decide livrar-se da moça, que frente fazia em beleza e encanto à filha legítima. Diz a ama, no leito de morte, a Társia:

«Mistress Tarsia, listen to the last words of an old woman on her deathbed. Listen to them and take them to heart. Who do you think your father and mother are, and what do you think your native land is?» The girl said. “my native land is Tarsus, my father is Stranguillio, and my mother is Dionysias.” The nurse sighed and said: “Listen, Mistress Tarsia, To my account of your lineage, so that you will know what you must do after my death. Your native land is Tyre, your father is named Apollonius, and your mother is the daughter of King Archistrates. [...] If after my death the guardians whom you call your parents should do you any harm, go to the marketplace, and you will find a statue of your father, Apollonius. Clutch the statue and proclaim, ‘I am the daughter of this man whose statue this is.’ The citizens are mindful of your father’s favors and will come to your rescue if necessary.» (29).

Enquanto a tentavam assassinar a mando da mãe adoptiva, Társia reza aos deuses e, nesse momento, salva-a da morte, embora raptando-a, um grupo de piratas que, em Mitilene, a vendem num mercado de escravos: «She was put off the ship and placed out for sale in the marketplace with the other slaves. When a most unpleasant pimp heard about this, he wanted to buy no man or woman except Tarsia and began to bid for her purchase.» (33).

¹⁷ Carrajana, 2005: 211-212.

Társia e o próprio pai reconhecem-se em terra alheia, de modo surpreendente, ainda que tardio, quando já o rei havia perdido a esperança de encontrar a filha que dera a criar, mas que prometera ir buscar de volta. Entre celebrações, Társia é pedida em casamento e, de volta ao mar, pretende a nova família ir ao encontro do sogro e avô, retornando, depois, a casa. Não fosse um sonho premonitório de Apolônio:

«In a dream he saw someone who looked like an angel and who said: “Apollonius, instruct your helmsman to make for Ephesus. When you arrive there, enter the temple of Diana with your daughter and your son-in-law and recount in sequence all the misfortunes that you have suffered since the time you were young. Then go to Tarsus and avenge your innocent daughter.”» (48).

E voltas dadas, pai e filha reunidos, Apolônio acaba por reencontrar a esposa que julgava morta. A estratégia narrativa é a mesma usada com Társia, a do reconto dos lamentos e posterior reconhecimento, desta feita com a esposa.

«After Apollonius had uttered such words, his wife let out a cry and shouted, “I am your wife, the daughter of King Archistrates.” Throwing herself into his embrace, she began to speak. “You are my Apollonius of Tyre [...] Where is my daughter?” He showed Tarsia to her and said, “Look, here she is.”» (*ibid.*, 49).

Esta é, no fundo, a história desventurada de uma família apartada em viagem¹⁸, a quem tudo o que é inusitado, ainda que expectável dentro do género em construção, acontece. As reuniões, pai e filha, e de ambos com a mãe e esposa, são a surpresa final de uma história de desencontros que acaba em *happy ending*.

CONCLUSÕES

O que se pretende com esta exposição é, primeiramente, uma abordagem ao fenómeno da mobilidade física no feminino. Pretende-se, além desta primeira abordagem à realidade da viagem da mulher da época, raramente feita a solo, um confronto entre vários e diversos casos práticos, entre personagens, e a forma como a viagem é encarada de forma tão diversa por cada uma delas. Primeiro, a mítica Medeia, viajante por amor, bárbara por traição, vingadora pelo sofrimento. As suplicantes, desterradas por manterem uma vontade comum, procuram asilo em terras estranhas, que preferem habitar, ainda que apartadas da pátria, em vez de cederem às desrespeitosas imposições dos seus conterrâneos. Depois, Fortunata, a afortunada mulher que viaja, mas na pirâmide social dos primeiros

¹⁸ Panayotakis 2002.

séculos da nossa era, uma mobilidade permitida pela estabilidade financeira, espelho de uma adaptação a um novo estatuto, contraste evidente com o desadequado marido. A Matrona de Éfeso, o claro exemplo de uma mulher-modelo, ainda que farsante, que é motivo de atracção para mulheres de outras cidades. E, de um lado, Trifena, a mulher aventureira, que viaja sem dar contas a marido nem pai, no Navio de Licas, sob o tom cómico-satírico de Petrónio; do outro, a tragédia da morte da esposa de Apolónio em pleno mar alto, acabada de dar à luz uma filha, Társia, e todas as aventuras (e desventuras, em especial), por que a família apartada passa em viagem, andando de cidade em cidade, lidando com reis, príncipes, pescadores, piratas, proxenetas, e sacerdotisas, até ao reencontro final.

Divergindo em tom, em gravidade, em sub-temáticas dentro da categoria de viagem, serve este confronto para revelar um tema de interesse ainda actual, como é o da mobilidade na perspectiva feminina, tema que se foi instalando, até hoje, na narrativa romanesca, bem como os *topoi* já referidos, da viagem, e tudo o que lhe é inerente, a descoberta, a estranheza, a aventura e desventura, o desespero da morte ou o sucesso da sobrevivência. É claro como, actualmente, nos prende e cativa ainda este género narrativo, já encetado nos séculos I e II da nossa era, que recorre a todos estes *topoi*, e mais ainda, tornando-o tão apreciado, acessível e diversificado – tão mais perto de nós, este legado antigo, do que poderíamos imaginar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

- Autor desconhecido (2008), *The Story of Apollonius King of Tyre*. Trad. B. P. Reardon, in *Collected Ancient Greek Novels*. California.
- Eurípides (1991), *Medeia*. Trad. M.H. Rocha Pereira. Coimbra.
- Ésquilo (2012), *Suplicantes*. Trad. C. A. M. de Jesus Coimbra.
- Petrônio (2005), *Satyricon*. Trad. D. F. Leão. Lisboa.
- Plutarco (2012), *Vidas Paralelas: Sólon e Públicola*. Trad. D. F. Leão & J. L. Brandão Coimbra.

ESTUDOS

- Anderson, G. (1999), “The Novella in Petronius”, in H. Hoffman (ed.), *Latin Fiction. The Latin Novel in Context*, London.
- Balsdon, J. P. V. D., *Roman Women: Their history and habits*, London, 1962
- Bodel, J. (1999), “The Cena Trimalchionis” in H. Hoffman (ed.), *Latin Fiction. The Latin Novel in Context*. London.
- Carrajana, P. M. (2005), “Da *Historia Apollionii Regis Tyri* à *Confessio Amantis*: Leituras de uma narrativa singular”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 201-218.
- Cicu, L. (1992), *Donne Petroniane*. Sassari.
- Dimundo, R. (2005), “Le novelle petroniane: forme de riscrittura dei modelli”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 131-143.
- Lefkowitz, M. R. & Fant, M. B. (1994), *Women’s Life in Greece and Rome*, Baltimore.
- Fantham, E., Foley, H. P., Kampen, N. B., Pomeroy, S. B. & Shapiro, H. A. (1994), *Women in the Classical World*, New York.
- Fedeli, P. (2005), “Il Labirinto nel ‘Satyricon’”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 119-129.
- Ferreira, P. S. M. (2008), “Contribution to the definition of the relationships between the *Satyricon* of Petronius and Mennipean Satire”, in D. F. Leão P. S. M. Ferreira & C. Teixeira, *The Satyricon of Petronius. Genre, Wandering and Style*. Coimbra, 11-57.
- Kitto, H. D. F. (1990), *A tragédia grega: estudo literário*. Coimbra.

- Leão, D. F. (1998), *As Ironias da Fortuna. Sátira e Moralidade no Satyricon de Petrónio*. Lisboa.
- Leão, D. F. (2005), “Eumolpo e as correntes místicas gregas”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 105-118.
- Panayotakis, S. (2012), *The Story of Apollonius, King of Tyre. A Commentary*. Berlin.
- Pimentel, M. C. (2005), “Enquadramento histórico do romance em Roma”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 71-86.
- Pinheiro, M. P. F. (2005), “Origens gregas do género”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 9-32.
- Reardon, B. P. (1991), *The Form of Greek Romance*. New Jersey.
- Schlesier, R. & Zellmann, U. (eds.) (2004), *Mobility and Travel in the Mediterranean from Antiquity to the Middle Ages*. Münster.
- Skinner, M. B. (2012), “Fortunata and the Virtues of Freedwomen” in M. P. Pinheiro, M. B. Skinner, & F. I. Zeitlin (eds.) (2012), *Narrating Desire. Eros, Sex and Gender in the Ancient Novel*. Berlin, 199-210
- Teixeira, C. (2008), “Two closed universes in the *Satyricon* of Petronius: The *Cena Trimalchionis* and the city of Croton”, in D. F. Leão P. S. M. Ferreira & C. Teixeira, *The Satyricon of Petronius. Genre, Wandering and Style*. Coimbra, 59-93.
- Teixeira, C. (2005), “As Histórias no *Asinus Aureus* de Apuleio e a sua relação com o romance”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão (coords.): *O Romance Antigo. Origens de um género literário*. Coimbra, 167-183.
- Veyne, P. (coord.) (1989), *História da Vida Privada*, Porto.